

## CONHECIMENTO ETNOBOTÂNICO DE ESTUDANTES DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DE ITAPIPOCA – CE

Luciana dos Santos Dias de Oliveira <sup>1\*</sup>; Camila dos Santos Sousa <sup>1</sup>; Fernanda de Oliveira Silva<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Estadual do Ceará (UECE), Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI) – Ciências Biológicas. Itapipoca/CE, Brasil.

<sup>2</sup>Universidade Federal do Ceará (UFC), Campus do Pici – Ciências Biológicas. Fortaleza/CE, Brasil.

\*Autor correspondente: luciana.ds@uece.br

### Palavras-chave:

Etnoconhecimento;  
medicina popular; plantas  
medicinais.

### RESUMO

O uso de plantas é diverso e acompanha a história da evolução humana. A compreensão do seu modo de utilização por determinados grupos e culturas define o chamado “saber local”, o qual é indissociável aos contextos culturais e ambientais específicos. Considerando que a etnobotânica tem como eixo a relação homem-planta e o fluxo de conhecimento passado de geração a geração, este trabalho objetivou investigar o conhecimento dos estudantes da UECE-FACEDI acerca do uso das plantas medicinais e seus diversos fins. A coleta de dados foi baseada em entrevistas semiestruturadas com os estudantes do curso de Ciências Biológicas da FACEDI de forma presencial e por formulário eletrônico (*Google Forms*). As etnoespécies citadas foram identificadas pelo método do checklist-entrevista. O estudo contou com a participação de 53 estudantes, onde a maioria foi do gênero feminino. Foram citadas 33 espécies de plantas medicinais, distribuídas em 23 famílias. Foi possível observar que os acadêmicos de Ciências Biológicas da FACEDI não apenas conhecem as plantas medicinais como também utilizam com frequência.

### INTRODUÇÃO

Desde os primórdios, o homem busca na natureza recursos para melhorar a sua condição de vida. O uso de plantas, por exemplo, é diverso e acompanha a história da evolução humana (CABRAL, 2019). Os primeiros representantes do gênero *Homo* provavelmente subsistiram da coleta de frutos, sementes, raízes, ramos e folhas comestíveis e, ocasionalmente, da caça (EVERT and EICHHORN, 2014). Além da alimentação, as plantas também eram utilizadas na construção de moradias, confecção de vestimentas, fins terapêuticos e tantos outros (BALICK and COX,

1997). A forma como as pessoas incorporam as plantas em suas práticas e tradições culturais é o objeto de estudo da etnobotânica (BALICK and COX, 1997).

Trabalhos dessa natureza são importantes porque permitem avaliar de que maneira as pessoas reúnem os conhecimentos trazidos dos seus locais de origem e como são transmitidos para as novas gerações (CAVALCANTE and SILVA, 2014). A compreensão do modo de utilização das plantas por determinados grupos e culturas define o chamado “saber local”, o qual é indissociável aos contextos culturais e ambientais específicos. Assim, é preciso

---

compreender um pouco da lógica interna do grupo para poder avaliá-lo efetivamente (AMOROZO, 2002).

A dinâmica da sociedade capitalista leva alguns grupos sociais a perderem sua referência cultural. No caso das plantas medicinais, por exemplo, pode-se dizer que a população brasileira, de um modo geral, possui um saber significativo (FERREIRA et al., 2015). Porém, este conhecimento sofre ameaça constante da influência direta da medicina moderna e o avanço da tecnologia, do deslocamento de pessoas de seus ambientes de origem e, principalmente, do desinteresse dos jovens por determinadas práticas, interrompendo assim o processo de transmissão do saber entre as gerações (AMOROZO, 2002).

Considerando que a etnobotânica tem como eixo a relação homem-planta e o fluxo de informações passado de geração a geração, este trabalho objetivou investigar o conhecimento dos estudantes da UECE-FACEDI acerca do uso das plantas medicinais e seus diversos fins.

## **METODOLOGIA**

O projeto que originou este trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da UECE (CAEE 58817822.4.0000.5534), em atendimento à Resolução 466/2012 e à Norma Operacional 001/2013 do Conselho Nacional de Saúde, e aprovado pelo número de parecer 5.643.291. Todos os participantes foram informados da pesquisa antes de serem entrevistados e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A coleta de dados foi baseada em entrevistas semiestruturadas com os estudantes do curso de

Ciências Biológicas da FACEDI de forma presencial e por formulário eletrônico (*Google Forms*).

As etnoespécies citadas foram identificadas pelo método do checklist-entrevista (MEDEIROS et al., 2008) com a apresentação de imagens das possíveis espécies correspondentes. As espécies foram identificadas a partir de bibliografias e consulta a especialistas. A listagem das espécies seguiu a classificação do APG (2016) e a origem biogeográfica dos táxons foi atribuída conforme a *Flora e Funga do Brasil* (2023).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O estudo foi realizado com a participação de 53 estudantes, onde a maioria foi do gênero feminino (69,8%). Nos trabalhos de Santos et al. (2019) e Nunes et al. (2021) as mulheres também foram numericamente mais representativas. Provavelmente, esta prevalência esteja acontecendo porque o quantitativo de pessoas do gênero feminino que ingressa nas Universidades tem superado o de homens (INEP, 2015).

Dentre os entrevistados, cerca de 80% têm idade entre 21 e 30 anos e cursou mais da metade do curso. Com relação a origem, aproximadamente 55% vivem na zona rural ou em cidades próximas de Itapipoca, 83% possuem renda familiar bruta menor ou igual a um salário-mínimo e 56,6% se autodeclararam pardos.

As condições socioeconômicas até podem influenciar no conhecimento etnobotânico, mas Souza et al. (2015) mencionaram que as tradições familiares e culturais prevalecem. Cunha e Bortolotto (2011) vão além ao pontuarem que o aprendizado e a transmissão de informações sobre

as plantas medicinais podem acontecer também através da socialização entre amigos e vizinhos.

Assim, sobre o conhecimento e uso dessas plantas, todos os pesquisados relataram que já utilizaram ou utilizam para fins terapêuticos. Inclusive, 83% informaram que usam algumas vezes, enquanto 17% utilizam com frequência. Praticamente a totalidade dos entrevistados comentaram que acreditam na eficiência das plantas medicinais e que os conhecimentos sobre estas plantas advêm de parentes, principalmente pais e avós. Uma estudante relatou que utilizou algumas vezes (por influência dos parentes), mas que não acredita que as plantas tenham benefícios medicinais ou que melhore as condições de saúde das pessoas.

Foram citadas 33 etnoespécies de plantas medicinais (apenas uma não foi identificada a nível de espécie), distribuídas em 23 famílias (tabela 1), onde as mais representativas foram Lamiaceae (7 espécies), Zingiberaceae (3 spp.), Fabaceae e Myrtaceae (ambas com 2 spp.). As etnoespécies mais citadas foram o boldo (*Peumus boldus* Molina – 27 citações), a hortelã (*Mentha* sp. – 16), a cidreira (*Lippia alba* N.E.Br ex Britton & P. Wilson – 15) e capim-santo (*Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf – 14), inclusive para mais de um fim terapêutico.

O número de espécies exóticas (naturalizadas e cultivadas) utilizadas pelos estudantes foi expressivo (27 espécies), o que, segundo Medeiros e Albuquerque (2013), não é aleatório, uma vez que estas plantas preenchem lacunas não suportadas por espécies nativas. Foram citadas algumas formas de preparo com destaque para os chás. Logo, as folhas foram indicadas como

um dos órgãos mais utilizados. Sobre o porte, as espécies herbáceas (17 spp.) se destacaram sobre as arbustivas-arbóreas.

## CONCLUSÕES

Foi possível observar que os acadêmicos de Ciências Biológicas da FACEDI não apenas conhecem as plantas medicinais como também utilizam com frequência. Segundo a maioria dos relatos, este conhecimento etnobotânico está relacionado a tradições familiares e a origem rural, demonstrando a importância da transmissão de saberes entre as gerações. O uso prevalente de espécies exóticas em relação as nativas aponta a necessidade de investigações futuras.

## REFERÊNCIAS

- Amorozo, M. C. M. Agricultura tradicional, espaços de resistência e o prazer de plantar. p. 123-131. In: Albuquerque, U.P.; Alves, A. G.; Silva, A. C. B. eds. 2002. **Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia**. Recife: SBEE. 2002.
- APG IV. The Angiosperm Phylogeny Group. An update of the Angiosperm Phylogeny Group Classification for the Orders and Families of Flowering plants: APG IV. **Botanical Journal of The Linnean Society**, v. 181, n. 1, p. 1-20, 2016.
- Balick, M. J.; Cox, P. A. **Plants, people and culture: the science of ethnobotany**. New York: W H Freeman & Co. 228p. 1997.
- Cabral, L. M. **Plantas e civilização – fascinantes histórias da Etnobotânica**. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro. 176p. 2019.
- Cavalcante, A. C. P.; Silva, A. G. Levantamento etnobotânico e utilização de plantas medicinais na comunidade Moura, Bananeiras-PB. **Revista Monografias Ambientais**, v. 14, n. 2, p. 3225-3230, 2014.
- Evert, R. F.; Eichhorn, S. E. As plantas e o homem. p. 501-523. In: EVERT, R. F.; EICHHORN, S. E. eds. 2014. **Raven Biologia Vegetal**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2014.

---

Ferreira, A. L. S.; Batista, C. A. S.; Pasa, M. C. Levantamento etnobotânico nas diferentes realidades de ensino. **Biodiversidade**, v. 14, n. 3, p. 60-73, 2015.

Flora e Funga do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>>. Acessado em: julho de 2023.

Medeiros, P. M.; Almeida, A. L. S.; Lucena, R. F. P.; Albuquerque, U. P. O uso de estímulos visuais na pesquisa etnobiológica. p. 109-127. In.: Albuquerque, U. P.; Lucena, R. F. P.; Cunha, L. V. F. C. eds. 2008. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. Recife: NUPEEA/Comunigraf. 2008.

Medeiros, P. M.; Albuquerque, U. P. Padrões de uso de plantas medicinais por populações locais: o que pode estar por trás das nossas decisões? p. 127-146. In: Albuquerque, U.P. eds. 2013. **Etnobiologia: bases ecológicas e evolutivas**. Recife: NUPEEA. 2013.

Nunes, N. C.; Verde, N. L. A. P.; Morais, L. S.; Cabral, M. J. F. C.; Camargo, M. S.; Alves, H. G.; Souza, A. L. T. Uso de plantas medicinais entre universitários no Vale do Ribeira. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 11, p. 1-9, 2021.

Santos, T. A. X.; Terra, M. F. M.; Magaña, K. B. D.; Silva, O. A.; Damasceno, E. M. A. Conhecimento e uso de plantas medicinais por acadêmicos do curso de farmácia. **Visão Acadêmica**, v. 20, n. 2, p. 17-28, 2019.

Souza, K. A.; Botini, N.; Antoniazzi, C. A.; Chaves, C. F.; Añez, R. B. Estudo etnobotânico do barbatimão (*Dimorphandra mollis* Benth., Leguminosae – Caesalpinoideae) na comunidade de Salobra Grande, Porto Estrela, MT. **Biodiversidade**, v. 14, n. 2, p. 106-115, 2015.

Tabela 1. Plantas medicinais citadas pelos estudantes do curso de Ciências Biológicas da FACEDI, Itapipoca, Ceará.

<b>Família/Espécie</b>	<b>Etnoespécie</b>	<b>Origem</b>	<b>Indicação de Uso</b>
<b>ACANTHACEAE</b>			
<i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	Chambá, trevo-cumarú, anador	Nativa	Dor de cabeça
<b>AMARANTHACEAE</b>			
<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants	Mastruz, mastruço, erva-de-santa-maria	Naturalizada	Gripe, problemas estomacais, inflamação
<b>AMARYLLIDACEAE</b>			
<i>Allium sativum</i> L.	Alho	Cultivada	Gripe, tosse seca
<b>ANACARDIACEAE</b>			
<i>Astronium urundeuva</i> (M. Allemão) Engl.	Aroeira-do-sertão, urundeúva	Nativa	Cicatrizante, inflamação
<b>APIACEAE</b>			
<i>Pimpinella anisum</i> L.	Erva-doce	Cultivada	Calmanete, insônia
<b>ASPARAGACEAE</b>			
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm.f.	Babosa, aloés	Cultivada	Ferimentos, diabetes, inflamação, nutrição capilar
<b>ASTERACEAE</b>			
<i>Matricaria chamomilla</i> L.	Camomila	Cultivada	Calmanete, cólica
<b>BRASSICACEAE</b>			
<i>Brassica nigra</i> L.	Mostarda	Cultivada	Dor de cabeça
<b>CELASTRACEAE</b>			
<i>Monteverdia ilicifolia</i> (Mart. ex Reissek) Biral	Espinheira-santa, espinheira-divina	Nativa	Azia
<b>CRASSULACEAE</b>			
<i>Sedum dendroideum</i> DC.	Bálsamo	Cultivada	Gripe, gastrite
<b>FABACEAE</b>			
<i>Senna alexandrina</i> Mill.	Sene	Naturalizada	Problemas estomacais
<i>Tamarindus indica</i> L.	Tamarindo	Cultivada	Problemas estomacais
<b>LAMIACEAE</b>			
<i>Mentha arvensis</i> L.	Menta	Cultivada	Asma, gripe, tosse

<i>Mentha sp.</i>	Hortelã	Cultivada	Dor de garganta, gripe, gases, enjoos, calmante
<i>Ocimum basilicum L.</i>	Manjeriço	Cultivada	Gripe
<i>Ocimum gratissimum L.</i>	Alfavaca	Naturalizada	Congestão nasal
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Malvarisco, malva, hortelã-grande	Cultivada	Gripe, tosse seca, dor de garganta
<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	Boldo-nacional, setedores	Cultivada	Gripe
<i>Rosmarinus officinalis L.</i>	Alecrim	Cultivada	Gases
<b>LAURACEAE</b>			
<i>Cinnamomum verum</i> J. Presl	Canela	Cultivada	Dor de estômago
<b>LYTHRACEAE</b>			
<i>Punica granatum L.</i>	Romã	Cultivada	Dor de garganta, gripe, tosse
<b>MONIMIACEAE</b>			
<i>Peumus boldus</i> Molina	Boldo-do-chile, boldo-verdadeiro	Cultivada	Problemas digestivos, gases, diarreia
<b>MYRTACEAE</b>			
<i>Eucalyptus globulus</i> Labill.	Eucalipto	Cultivada	Congestão nasal, problemas estomacais
<i>Psidium guajava L.</i>	Goiabeira	Naturalizada	Dor de barriga
<b>PHYLLANTHACEAE</b>			
<i>Phyllanthus niruri L.</i>	Quebra-pedra, erva-pombinha	Nativa	Infecção urinária
<b>PLANTAGINACEAE</b>			
<i>Scoparia dulcis L.</i>	Vassourinha	Nativa	Gripe, resfriados
<b>POACEAE</b>			
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim-cidreira	Naturalizada	Calmante
<b>RUBIACEAE</b>			
<i>Morinda citrifolia L.</i>	Noni	Cultivada	Inflamação no útero e na vagina
<b>RUTACEAE</b>			
<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Laranjeira	Cultivada	Enjoos
<b>VERBENACEAE</b>			

<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br ex Britton & P. Wilson	Cidreira	Nativa	Cólica, dor de cabeça, indigestão, calmante
<b>ZINGIBERACEAE</b>			
<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L. Burtt & R.M. Sm.	Jardineira	Cultivada	Calmante, pressão alta
<i>Curcuma longa</i> L.	Açafrão, cúrcuma	Cultivada	Anti-inflamatório
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Gengibre	Cultivada	Tosse, gripe, resfriados